

# Negócios

**SOLUÇÃO EM TEMPOS DE CRISE**  
**PROMOÇÃO BOTA FORA**  
**ATE 31/12/2016**

Documentação Ambiental para regularização seus resíduos  
**SÓ R\$ 180,00**

COLETAMOS SEUS RESÍDUOS por R\$ 0,00 por kg **FRETE CORTESIA**

R\$ 1,00 P/KG LIXO COLETADO TONER R\$ 1,00 P/UNIDADE LÂMPADA R\$ 1,00 UNIDADE

**11 4215 5815** www.guarulixo.com.br facebook.com.br/guarulixoambiental

**Varejo.** Grupo comprou fatias de 10,3% no Barra Shopping, no Rio de Janeiro, e de 8% no Morumbi, em São Paulo, que pertenciam ao Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (Fistel); ambos os empreendimentos tinham sido originalmente desenvolvidos pela empresa

## Multiplan investe R\$ 500 milhões para ampliar participação em dois shoppings

Circe Bonatelli

A administradora de shoppings Multiplan fechou ontem negócio de R\$ 495,9 milhões para a compra de duas fatias adicionais em shopping centers que já fazem parte do seu portfólio. As vendas foram realizadas pelo Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (Fistel). Os recursos para a aquisição virão do caixa da Multiplan.

Pelo acordo, a Multiplan adquiriu do fundo uma fatia de 10,3% no Barra Shopping, no Rio de Janeiro, por R\$ 311,2 milhões, passando a deter 61,3% do empreendimento. O restante está dividido entre os fundos de pensão Previ (19,1%) e Fapes (15,07%), além da incorporadora Carvalho Hosken (4,3%).

A outra compra se refere a uma participação de 8% no Morumbi Shopping, em São Paulo, por R\$ 184,7 milhões, do qual a Multiplan passará a deter 73%. As fatias remanescentes estão nas mãos de Previ (13,3%), Funcef (9,0%) e Fapes (4,02%).

Em fato relevante, a Multiplan explica que as duas aquisições geraram um resultado operacional líquido, nos 12 meses encerrados em junho, de R\$ 40,3 milhões, sendo R\$ 24,8 milhões do Barra Shopping, e R\$ 15,5 milhões do Morumbi.

A Multiplan é a administradora dos dois shoppings, que foram desenvolvidos pela própria companhia e vendidos parcialmente para levantar caixa anos atrás. “Estamos readquirindo ativos de alta performance, que vendemos no passado para nos financiar”, afirmou o diretor presidente e acionista controlador da Multiplan, José Isaac Pe-



**Estratégia.** Shopping Morumbi: companhia quer investir em empreendimentos consolidados para o público 'premium'

### Majoritária

**73%**

será a participação atualizada da Multiplan no Morumbi Shopping

**61,3%**

será a fatia no Barra Shopping

res, em entrevista ao *Broadcast*, sistema de notícias em tempo real da Agência Estado.

**Performance.** O executivo explicou que as vendas dos lojistas nos dois shopping centers

apresentaram um crescimento médio de 11% a 13% ao ano durante a última década, taxa que deve ser mantida. “Esperamos dobrar as vendas nos próximos dez anos”, ressaltou.

Na assinatura do contrato, a companhia pagou ao Fistel um sinal e fará o desembolso final após a conclusão das diligências, o que deve se resolver em aproximadamente um mês. Com isso, a Fistel encerrará uma parceria de mais de 30 anos com a Multiplan. O primeiro investimento do fundo na empresa foi no BHS shopping, aberto em 1979.

Peres comentou que a compa-

nhia também deverá buscar, em breve, cerca de R\$ 150 milhões no mercado para reforçar a estrutura de capital. O executivo também disse que a companhia estudou realizar um aumento de capital, mas optou por adiar essa iniciativa por alguns meses, até o momento em que os ativos conseguirem obter uma precificação melhor.

“Oportunamente, poderemos fazer alguma colocação de ações, mas nada expressivo, pois a companhia é uma grande geradora de caixa. Vamos esperar que o mercado apresente um desempenho melhor. A economia vai melhorar, e os ativos

brasileiros terão uma valorização. Não temos pressa”, disse.

**Recuperação.** O diretor-presidente da Multiplan vem apontando desde julho, na apresentação do balanço da companhia, que enxerga um movimento de recuperação da economia nacional, com aumento na confiança dos consumidores e tendência de melhora no desempenho dos shoppings, que sofrem com oferta de descontos nos aluguéis e aumento da inadimplência dos lojistas.

Ele reafirmou que continua estudando oportunidades de aquisição de ativos “premium”,

### PARA LEMBRAR

#### Busca pelo alto padrão

A Multiplan não foi a única companhia a se movimentar para comprar um shopping de alto padrão nesta semana. A Aliansce anunciou na última segunda-feira que vai comprar 25,1% do shopping de alto padrão Leblon, no Rio de Janeiro, por R\$ 309,9 milhões, em uma operação condicionada a um aumento de capital de pelo menos R\$ 300 milhões na Aliansce.

A companhia, que é administradora do shopping desde a inauguração, em 2006, afirmou que aumento de capital será de no mínimo R\$ 300 milhões e terá um teto de R\$ 600 milhões. A operação será realizada ao preço de R\$ 15 por ação ordinária.

localizados em regiões nobres e com ocupação e vendas já consolidadas. O executivo negou, porém, ter feito proposta pelo Shopping Tucuruvi, da concorrente JHSF, conforme informado nesta semana pelo jornal *Valor Econômico*. “Nem sequer fomos consultados para fazer uma proposta.”

O executivo reiterou também o lançamento neste ano do Shopping Jacarepaguá, na zona oeste do Rio. As obras ambientais e viárias já estão em andamento. Quando pronto, o empreendimento terá 42 mil metros quadrados de área bruta locável.

## Gávea compra 30% de empresa de saúde do interior de São Paulo

Grupo São Francisco, fundado em 1945, teria faturamento de cerca de R\$ 1 bilhão, segundo fontes de mercado

O fundo Gávea, comandado pelo ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, comprou uma participação minoritária – de cerca de 30%, de acordo com fontes de mercado – no grupo de saúde São Francisco, que tem sede em Ribeirão Preto (SP) e faturamento anual de aproximadamente R\$ 1 bilhão. Procurado, o fundo não comentou a operação nem o valor pago pelo ativo.

Segundo fontes de mercado, a atratividade do São Francisco não reside apenas a sua estrutura física, mas na operação descrita no setor de saúde como



**Investimento.** Gávea, de Armínio, faz aposta em saúde

“verticalizada”, já que a empresa também é proprietária de planos de saúde e de odontologia.

Nos últimos anos, a companhia sediada no interior paulista fez aquisições de empresas pelo País, ampliando sua atuação para outros polos do agrone-

gício, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

O Grupo São Francisco completará neste mês 71 anos de atuação, pois foi fundado no dia 8 de setembro de 1945. / **MÔNICA SCARAMUZZO e FERNANDO SCHELLER**

## Petrobrás já avalia ofertas pela Liqueigás

A Petrobrás já recebeu propostas para a compra da Liqueigás, de botijão de gás, apurou o Estado. A estatal deverá avaliar essas ofertas em 60 dias.

Fontes afirmaram que os principais interessados na companhia de botijão de gás – Ultra, dono da rede de postos de combustíveis Ipiranga e da Ultragas, líder no setor; o grupo Edson Queiroz (dono da Nacional Gás); e a Copagaz, do empresário Ueze Zahran – estão no páreo. A turma Aygaz, que ainda não tem investimentos no País, e a Supergasbras (SHV), terceira no ranking, correriam por fora. O Itaú BBA está assessorando a operação.

O Ultra é considerado o favorito. Copagaz e o grupo Edson Queiroz poderiam se unir para levar o ativo, segundo fontes.

Também havia intenção de a SHV se unir ao Gávea Investimentos para fazer uma propos-

ta conjunta pelo negócio, mas, segundo fontes, a gestora decidiu sair da transação.

O ativo chegou a ser avaliado em R\$ 1,5 bilhão, mas o valor pode chegar a R\$ 2,5 bilhões. “Os resultados da empresa melhoraram e o valor de venda do ativo deve subir substancialmente”, disse outra fonte a par do assunto.

Em um longo processo de desinvestimentos, a Petrobrás decidiu colocar importantes ativos à venda para fazer caixa. Procurada, a estatal não retornou os pedidos de entrevista.

O Ultra afirmou que avalia continuamente oportunidades de negócios nos segmentos em que atua. Copagaz e Supergasbras não comentaram. Itaú BBA, os grupos Edson Queiroz e Aygaz não retornaram os pedidos de entrevista. / **M.S.**

## Kroton propõe venda de ativos por aval do Cade

Kroton e Estácio protocolaram no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) o processo de fusão que pode criar uma companhia de ensino superior com 1,5 milhão de alunos. O documento, entregue na quarta-feira, inclui a proposta de venda do ensino a distância (EAD) de duas instituições que hoje estão no guarda-chuva do grupo Estácio: a UniSeb e a Universidade Estácio de Sá.

No mercado, o consenso é de que a aprovação do negócio deve ter restrições no ensino a distância. Mas, para vender seu negócio de EAD, a companhia deve ter de enfrentar desafios regulatórios. Segundo fontes ouvidas pelo *Broadcast*, no Estácio, o ensino a distância e o ensino presencial estão dentro de uma mesma instituição, o que obrigaria a empresa a ser dividida em duas. / **DAYANNE SOUSA**

## Oi deve apresentar plano à Justiça na segunda

Mariana Sallowicz / RIO

A administração da Oi está debucada na finalização do plano de recuperação judicial. A intenção da operadora é apresentar o documento à Justiça na próxima segunda-feira. Antes disso, o detalhamento da proposta para os credores passará pela última avaliação do conselho de ad-

ministração, que poderá pedir a alteração de alguns pontos para dar o seu aval, apurou o *Broadcast*, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado.

As conversas finais com os principais credores terão início após a apresentação do plano para a 7ª Vara Empresarial do Rio. A partir daí, terá início a disputa entre os atuais acionistas e

os credores que precisarão chegar a um consenso, disse uma fonte com conhecimento do assunto. “Como o plano (que será apresentado na segunda) vai ser deliberado pelo atual conselho de administração, reflete a visão dele.” Procurada, a Oi não comentou.

A maior parte do conselho é composto atualmente por indi-

cados pela Pharol (antiga Portugal Telecom e maior acionista individual da Oi, com 22% de participação). O fundo Societé Mondiale, ligado ao empresário Nelson Tanure, está em disputa com a Pharol.

Os acionistas precisam do sinal verde da maioria dos credores para aprovar o plano em assembleia. Pela lei, a reunião

ocorre em até 150 dias após a apresentação do documento. A advogada especialista em recuperação judicial Juliana Bumachar, do escritório Bumachar Advogados, pondera que é comum o prazo para a aprovação do plano pelos credores ultrapassar os 150 dias. “É irreal para um processo como o da Oi.” São 66.705 credores e uma dívida de cerca de R\$ 65 bilhões, números que ainda podem mudar.

Ontem, o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro de-

fendeu que o prazo para a tele entrega do documento termina exatamente na segunda. O juiz responsável pelo processo, Fernando Viana, da 7ª Vara Empresarial do Rio, decidiu em 29 de junho que a companhia teria 60 dias úteis para apresentar o plano. No entanto, o MPRJ defende que devem ser considerados 60 dias corridos, não úteis.

Segundo o promotor, a não apresentação do plano dentro do prazo de 60 dias tem por consequência a decretação da falência.